

Mudança religiosa no Brasil: uma visão demográfica

René D. Decol

Mestre em Sociologia pela Fordham University e Doutor
Demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH - da
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Introdução

Embora religião seja um tema central da sociologia, poucos estudos realizados no Brasil são acompanhados de informação quantitativa proveniente dos censos demográficos. O fato é tão mais paradoxal quando se lembra que o censo do IBGE tradicionalmente inclui uma pergunta sobre religião. A declaração de religião já fazia parte dos questionários dos censos realizados no século passado e voltou a aparecer nos levantamentos de 1940 em diante. Considerando-se apenas os censos modernos, isto é, aqueles realizados a partir de 1940, há uma seqüência histórica notável que, no entanto, permanece pouco estudada¹.

Uma atualização do mapa religioso é tarefa particularmente necessária devido às mudanças que atualmente atravessam o campo. Uma importante autora, por exemplo, fala em "rearranjo global do campo religioso" (Montes, 1998, p.68). Outro chama atenção para o "fim da hegemonia [...] católica" (Sanchis, 1997, p.103). E ainda, segundo Pierucci e Prandi, "no Brasil, na segunda metade do século XX, a vida religiosa mudou e tem mudado em um grau, uma extensão e uma velocidade nunca dantes vistos em nossa história" (Pierucci & Prandi, 1996:9).

O objetivo deste trabalho é explorar algumas das principais tendências do período, usando os dados da declaração sobre religião nos levantamentos censitários de 1940 a 1991, apontando para alguns fatores demográficos relacionados com estas mudanças.

A declaração de religião nos censos brasileiros

O censo brasileiro utilizou diferentes categorizações nos levantamentos realizados entre 1940 e 1991 no que diz respeito à declaração de religião². A questão sempre apareceu através de uma pergunta aberta, com exceção do levantamento de 1970, único a utilizar uma questão fechada³.

Pelo fato de ter condensado o universo religioso brasileiro em apenas seis categorias, o Censo de 1970 aparece como um mínimo denominador comum para o período de 1940-1991. Para organizar a série histórica de forma consistente, portanto, é necessário que os resultados dos demais levantamentos sejam agrupados em função da categorização adotada em 1970, sendo tal categorização adequada para um mapeamento geral do cenário religioso do País.

¹Uma exceção é a obra de Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1922-1987). Para um balanço, ver Antônio Flávio Pierucci & Reginaldo Prandi, "Religião e ruptura na obra de Procópio Camargo", *Novos Estudos*, Cebrap, 17 (maio/1987): 29-35.

²A pergunta sobre religião foi deslocada para o questionário da amostra, a partir da introdução do procedimento amostral, ou seja, a partir de 1960.

³O Censo de 1970 usou seis categorias: católica romana, evangélica, espírita, outra religião, sem-religião e sem declaração.

Para uma exploração inicial das principais tendências, os resultados dos censos foram agregados em apenas quatro grandes blocos, uma categorização ainda mais "comprimida" do que a adotada pelo IBGE em 1970.

Foram utilizadas as seguintes categorias:

- **Católicos:** o mais antigo e tradicional grupo religioso no País, que se confunde com a própria formação histórica da sociedade brasileira, foi consistentemente investigado em todos os censos, desde os levantamentos do século passado.

- **Evangélicos:** as denominações evangélicas (ou protestantes) eram classificadas em um único grande grupo até 1970. A partir do Censo de 1980, refletindo um crescimento das denominações pentecostais, os evangélicos passaram a ser discriminados entre tradicionais e pentecostais; o Censo de 1991 publicou informações discriminadas para as seguintes denominações:

- **tradicionais:** adventistas, batistas, luteranos, metodistas e presbiterianos; e

- **pentecostais:** Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Tradicional Renovada e Universal do Reino de Deus.

Para efeito deste trabalho, todas as denominações evangélicas foram agregadas em uma única categoria para análise do período de 1940-1991, sendo desagregadas entre tradicionais e pentecostais para uma análise do período de 1980-1991.

- **Sem-religião:** são os que declarada e explicitamente dizem não ter religião; a categoria atende a recomendações internacionais e está presente desde o Censo de 1940; marginal do ponto de vista quantitativo em 1940, a categoria tem crescido ao ponto de se tornar bastante significativa para a compreensão das principais alterações no mapa brasileiro da fé⁴.

- **Outros:** esta categoria reúne dezenas de minorias religiosas presentes no País, desde as tradicionais (Espírita, Umbanda, Candomblé), até aquelas que chegaram ao País na bagagem cultural de imigrantes: judeus, muçulmanos e budistas; inclui também grupos neocristãos, como Mórmons e Testemunhas de Jeová, e católicos não-romanos, como ortodoxos e membros da Igreja Apostólica Brasileira; finalmente, as religiões orientais, inclusive a budista e a messiânica. Estes pequenos grupos, embora muito diferentes entre si, têm algo em comum do ponto de vista demográfico: são desproporcionalmente urbanos, e pouco significativos em termos quantitativos, não tendo grande influência nos desdobramentos recentes do campo religioso brasileiro como um todo.

A utilização de quatro grandes blocos não significa que haja homogeneidade no seu interior. De fato, há heterogeneidade, e crescente, o que se reflete na multiplicação do número de seitas evangélicas pentecostais e neopentecostais no País, aparecimento de religiões New Age (Fonseca, 1998), e de tendências divergentes no seio da Igreja Católica Apostólica Romana (como o atual embate entre adeptos da Teologia da Libertação *versus* carismáticos).

A autodefinição como "sem-religião", aliás, também está longe de ser homogênea, podendo significar coisas diferentes em diferentes contextos históricos. No passado, por exemplo, "sem religião" significava ateísmo, secularismo, oposição ao pensamento religioso. Hoje, porém, pode significar também uma etapa intermediária entre experiências com identidades religiosas diferentes, já que o campo religioso contemporâneo cada vez mais assume o aspecto de um "mercado de bens espirituais", onde os indivíduos fazem escolhas de acordo com critérios pessoais (Berger, 1985; Montes, 1998).

⁴Como nota Glenn, quando alguém se diz "sem-religião" não significa necessariamente que não tenha nenhum tipo de crença ou alguma forma de religiosidade pessoal. Significa, porém, falta de identificação com religiões institucionalizadas, que são as que têm implicações sociais relevantes. Ao longo deste trabalho o termo "religião" é usado como sinônimo de religião institucionalizada. Ver Norval D. Glenn, "The Trend in 'No Religion' Respondents to U. S. National Surveys, Late 1950s to early 1980s", Public Opinion Quarterly 51 (Fall 1987), 293-314.

No caso de crianças, pode significar apenas que elas ainda não escolheram sua religião, particularmente se provêm de famílias onde os pais são adeptos de religiões diferentes. Em casais mistos os filhos geralmente são expostos à influência religiosa tanto do pai quanto da mãe, a partir das quais elabora sua própria identidade (Schmelz, 1981). Neste caso, "sem-religião" pode significar apenas que esta identidade ainda não está definida.

No grupo dos "outros" a heterogeneidade é enorme. No interior deste campo ocorre atualmente uma multiplicação do número e variedade de denominações, fenômeno importante do ponto de vista qualitativo. Mas, pelo menos até o presente, pouco significativo do ponto de vista quantitativo.

Mesmo no interior dos católicos há grande heterogeneidade, representada por um amplo gradiente de adesão aos preceitos católicos, resultando na diferenciação entre católicos "praticantes" e "nominais", havendo ainda um grande espectro de variações entre os dois extremos. Há ainda importantes diferenças nas suas modalidades urbana e rural (Camargo, 1973, p.48).

A divisão em quatro grandes blocos, no entanto, facilita a análise e é consistente do ponto de vista histórico e sociológico, já que, com exceção das pequenas minorias, estes

blocos são excludentes e se definem em oposição uns aos outros.

Transformações no espectro religioso brasileiro no período de 1940-1991

Uma característica importante da dinâmica demográfica da população brasileira na segunda metade do Século XX é sua passagem pela transição demográfica. Em consequência das diferenças de *timings* verificados entre a queda da mortalidade e da fecundidade, a população do País experimentou taxas aceleradas de crescimento, passando de cerca de 39 milhões para mais de 146 milhões de pessoas nos 51 anos entre 1940 e 1991.

Do ponto de vista das diferentes religiões que compõem o mosaico da fé brasileira, apenas para acompanhar o crescimento da população em geral e manter seus tamanhos relativos, os diversos grupos teriam que praticamente quadruplicar os seus rebanhos. Não há, portanto, como compreender as mudanças no mapa religioso brasileiro na segunda metade do Século XX sem compreender os componentes demográficos do processo.

A Tabela 1 apresenta a evolução, em números absolutos, dos grandes grupos religiosos brasileiros no período de 1940 a 1991, de acordo com os censos decenais do IBGE.

Tabela 1- Brasil - População por grandes grupos religiosos, 1940-1991

| Grupos religiosos | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|--------------------|--------------------|
| Total | 41 236 315 | 51 964 397 | 70 191 370 | 93 134 846 | 119 011 052 | 146 815 818 |
| Católicos | 39 177 880 | 48 558 854 | 65 329 520 | 85 472 022 | 105 861 113 | 121 812 771 |
| Evangélicos | 1 074 857 | 1 761 430 | 2 824 775 | 4 814 728 | 7 885 846 | 13 189 285 |
| Sem religião | 87 330 | 274 236 | 353 607 | 701 701 | 1 953 096 | 6 946 221 |
| Outros | 794 274 | 1 232 071 | 1 648 949 | 2 133 040 | 3 011 311 | 4 271 562 |
| Sem declaração | 101 974 | 137 806 | 34 519 | 13 355 | 299 686 | 595 979 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Os dados mostram que a hegemonia católica no Brasil vem sendo colocada em xeque por um crescimento expressivo de dois grupos: os evangélicos, que passaram de um milhão em 1940 para 13 milhões em 1991, sendo atualmente o segundo grupo mais numeroso depois dos católicos; e os sem-religião, que pularam de menos de cem mil para mais de 6 milhões no mesmo período, tornando-se o terceiro grupo mais numeroso. A categoria que reúne as minorias religiosas cresceu um pouco acima do ritmo do País como um todo, formando em 1991 o quarto grupo mais numeroso, com 4,3 milhões de pessoas.

Como o cenário demográfico global é de crescimento intenso, um exame dos tamanhos relativos ilustra melhor as tendências do período, como mostra a Tabela 2. Os católicos eram em 1940 mais de 95% de todos os brasileiros. Os evangélicos somavam nesta data meros 2,6% da população, ficando as demais minorias com 1,9%. Os sem-religião eram então uma mera fração residual de 0,2%.

Tabela 2 - Brasil - Distribuição relativa da população por grandes grupos religiosos, 1940-1991 (%)

| Grupos religiosos | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
|-------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |
| Católicos | 95,2 | 93,7 | 93,1 | 91,8 | 89,2 | 83,3 |
| Evangélicos | 2,6 | 3,4 | 4 | 5,8 | 6,6 | 9 |
| Sem religião | 0,2 | 0,5 | 0,5 | 0,8 | 1,6 | 4,8 |
| Outros | 1,9 | 2,4 | 2,4 | 2,3 | 2,5 | 2,9 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

A partir de 1940, no entanto, os católicos têm visto sua participação na sociedade brasileira declinar dos hegemônicos 95% para pouco mais de 83% em 1991. Poderia se argumentar que 83% ainda é uma maioria confortável. O que vamos tentar mostrar neste trabalho é que o declínio dos católicos é um processo que, no momento, tem componentes demográficos que tendem a se intensificar. É bem provável que o próximo censo, o do ano

2000, mostre um aprofundamento ainda maior das tendências aqui delineadas.

Entre os grupos responsáveis pelo crescimento dos não-católicos, a participação dos evangélicos foi notável: de 2,6% do total de brasileiros em 1940, os evangélicos passaram para mais de 9% em 1991. A maior parte deste crescimento, como se sabe, ocorreu entre as seitas pentecostais e neopentecostais.

O crescimento dos evangélicos tem recebido muita atenção, sendo tema freqüente de discussões públicas. Muito menos notado tem sido o crescimento dos sem-religião. O grupo passou de 0,2% de todos os brasileiros em 1940 para substanciais 4,8% no último censo. Mais de 7 milhões de pessoas em todo o Brasil se declararam sem-religião no Censo de 1991 numa indicação do avanço da secularização entre nós. Voltaremos a esta discussão quando analisarmos os números do Rio de Janeiro, onde o fenômeno é ainda mais intenso.

A Tabela 3 apresenta as taxas geométricas de crescimento médio anual dos grandes grupos religiosos ao longo do período de 1940-1991. Os católicos têm registrado crescimento menor do que a média nacional desde 1940, enquanto todos os demais registraram taxas de crescimento superiores à média nacional, em praticamente todos os intervalos censitários.

Tabela 3 - Brasil - Taxas geométricas de crescimento médio anual, por grupos religiosos, 1940-1991 (% ao ano)

| Grupos religiosos | 40-50 | 50-60 | 60-70 | 70-80 | 80-91 |
|-------------------|------------|----------|------------|------------|------------|
| Brasil | 2,3 | 3 | 2,8 | 2,4 | 1,9 |
| Católicos | 2,2 | 3 | 2,7 | 2,1 | 1,3 |
| Evangélicos | 4,9 | 4,7 | 5,3 | 4,9 | 4,7 |
| Sem religião | 11,4 | 2,5 | 6,8 | 10,2 | 11,5 |
| Outros | 4,4 | 2,9 | 2,6 | 3,4 | 3,2 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

O fato de os católicos terem registrado crescimento significativamente menor do que a média do País, em todos os intervalos, é ainda mais notável quando se leva em conta que os católicos estão proporcionalmente mais concentrados nas zonas rurais e na Região Nordeste do que outros grupos. Como essas áreas registram as mais altas taxas de crescimento vegetativo do País, seria de se esperar que os católicos crescessem mais rapidamente, se o tamanho dos diferentes grupos religiosos brasileiros dependesse apenas do crescimento vegetativo. Isto não acontece, no entanto, porque há um fluxo atitudinal levando católicos a "migrar" para outros grupos. Este fluxo atitudinal mais do que compensa o crescimento vegetativo mais acentuado dos católicos.

O resultado desta "migração atitudinal" é o acentuado crescimento de evangélicos e dos sem-religião. Evangélicos cresceram a taxas próximas a 5% ao ano, ao longo de todo o período. Já o grupo dos sem-religião, o que cresce mais rapidamente no País, tem experimentado taxas de crescimento de mais de 10% ao ano nas últimas décadas.

A Tabela 4 mostra a distribuição pelas grandes regiões geográficas. O Nordeste é a região com maior penetração relativa do catolicismo, enquanto o Sudeste é a menor. Em todas as regiões, evangélicos e sem-religião formam o segundo e o terceiro grupos mais representativos. O Sul é a região que registra a maior penetração de evangélicos

Tabela 4 - Brasil - Distribuição relativa da população, por grandes grupos religiosos e região, na data do censo de 1991 (%)

| Grupos religiosos | Brasil | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Centro-Oeste |
|-------------------|--------|-------|----------|---------|------|--------------|
| Católicos | 83,0 | 83,4 | 89,2 | 79 | 83,3 | 80,1 |
| Evangélicos | 9,0 | 11,5 | 5,1 | 9,9 | 11,6 | 11,1 |
| Outros | 2,9 | 1,6 | 1,4 | 4,2 | 2,5 | 3,6 |
| Sem-religião | 4,7 | 3,1 | 4,1 | 6,2 | 2,3 | 5,0 |
| Sem declaração | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,7 | 0,2 | 0,1 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

mesmo que individualmente, como veremos, sendo o Espírito Santo a Unidade da Federação com a maior percentagem de protestantes.

É novamente o Sudeste a região que registra o maior tamanho relativo dos sem-religião, embora o grupo tenha crescido em todas as regiões do País. Por registrar simultaneamente as mais altas taxas de penetração de evangélicos e dos sem-religião, o Sudeste é atualmente a região com a maior percentagem de não-católicos do País.

As taxas para as Grandes Regiões mascaram, no entanto, diferenças bem acentuadas em termos de Unidades da Federação tomadas isoladamente. Como vemos na Tabela 5, é o Espírito Santo o estado brasileiro com maior penetração do grupo evangélico, com 17,4% de sua população se declarando adepta das diversas denominações protestantes.

Tabela 5 - Evangélicos por UFs escolhidas

| | Total | Evangélicos | % |
|-------------------|--------------------|-------------------|-------------|
| Brasil | 146 815 818 | 13 189 285 | 9,0% |
| Espírito Santo | 2 600 624 | 452 304 | 17,4% |
| Rio de Janeiro | 12 807 220 | 1 625 303 | 12,7% |
| Rio Grande do Sul | 9 138 453 | 1 076 047 | 11,8% |
| Goiás | 4 017 510 | 471 785 | 11,7% |
| Paraná | 8 448 600 | 969 378 | 11,5% |
| Pará | 4 949 217 | 536 726 | 10,8% |
| Distrito Federal | 1 601 095 | 162 390 | 10,1% |
| São Paulo | 31 588 801 | 2 931 440 | 9,3% |
| Minas Gerais | 15 743 561 | 1 223 199 | 7,8% |
| Pernambuco | 7 127 942 | 498 227 | 7,0% |
| Maranhão | 4 929 687 | 307 261 | 6,2% |
| Bahia | 11 867 328 | 682 121 | 5,7% |
| Ceará | 6 366 117 | 252 133 | 4,0% |
| Alagoas | 2 512 661 | 89 342 | 3,6% |
| Outros | 23 117 002 | 1 911 629 | 8,3% |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Em termos dos sem-religião, como mostra a Tabela 6, é o Rio de Janeiro o estado com a maior percentagem, com 13,7% do total da sua população se declarando sem-religião por ocasião do Censo de 1991. Este percentual é mais do que o dobro do registrado para o segundo colocado, o Distrito Federal (6,3%), e bastante superior à média brasileira (4,7%).

Tabela 6 - Sem religião por UFs escolhidas

| Unidades da Federação | Total | Sem religião | % |
|-----------------------|--------------------|------------------|-------------|
| Brasil | 146 815 818 | 6 946 221 | 4,7% |
| Rio de Janeiro | 12 807 220 | 1 759 364 | 13,7% |
| Distrito Federal | 1 601 095 | 100 114 | 6,3% |
| Espírito Santo | 2 600 624 | 156 860 | 6,0% |
| Bahia | 11 867 328 | 695 706 | 5,9% |
| Pernambuco | 7 127 942 | 409 496 | 5,7% |
| Goias | 4 017 510 | 207 380 | 5,2% |
| São Paulo | 31 588 801 | 1 559 013 | 4,9% |
| Alagoas | 2 512 661 | 113 540 | 4,5% |
| Rio Grande do Sul | 9 138 453 | 267 186 | 2,9% |
| Minas Gerais | 15 743 561 | 435 271 | 2,8% |
| Pará | 4 949 217 | 130 872 | 2,6% |
| Paraná | 8 448 600 | 209 599 | 2,5% |
| Maranhão | 4 929 687 | 105 834 | 2,1% |
| Ceará | 6 366 117 | 133 574 | 2,1% |
| Outros | 23 117 002 | 662 412 | 2,9% |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Por ser sede do maior contingente relativo dos sem-religião, e do segundo maior de evangélicos, o Rio de Janeiro é no momento o estado onde o crescimento dos não-católicos (e o conseqüente declínio do catolicismo) se apresenta de forma mais intensa.

Mudança social e religião no Rio de Janeiro

A Tabela 7 apresenta a evolução dos grandes grupos religiosos no Rio de Janeiro

Tabela 7 - Estado do Rio de Janeiro - População por grupos religiosos, 1940-1991

| Grupos religiosos | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
|-------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|-------------------|-------------------|
| Total | 3 579 656 | 4 635 612 | 6 642 013 | 8 992 905 | 11 251 015 | 12 692 906 |
| Católicos | 3 282 034 | 4 131 726 | 5 899 581 | 7 744 509 | 9 103 538 | 8 538 220 |
| Sem-religião | 14 322 | 61 559 | 85 563 | 188 146 | 551 141 | 1 759 364 |
| Evangélicos | 112 462 | 199 642 | 351 155 | 636 290 | 930 780 | 1 625 303 |
| Outros | 170 838 | 242 685 | 305 714 | 423 960 | 665 556 | 770 019 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Tabela 8 - Estado do Rio de Janeiro - Distribuição relativa da população, por religião, 1940-1991 (%)

| Grupos religiosos | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
|-------------------|------|------|------|------|------|------|
| Católica | 91,7 | 89,1 | 88,8 | 86,1 | 80,9 | 67,3 |
| Não-católica | 8,3 | 10,9 | 11,3 | 13,9 | 19,1 | 32,7 |
| Sem religião | 0,4 | 1,3 | 1,3 | 2,1 | 4,9 | 13,9 |
| Evangélica | 3,1 | 4,3 | 5,3 | 7,1 | 8,3 | 12,6 |
| Outras | 4,8 | 5,2 | 4,6 | 4,7 | 5,9 | 6,1 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

ao longo do período de 1940 a 1991. Destaca-se o crescimento dos não-católicos em detrimento do tradicional grupo hegemônico no País. No caso do Rio o fenômeno se faz notar com particular agudez. Nesta Unidade da Federação os católicos experimentaram na última década queda não só em termos relativos, mas também em termos absolutos: 8,5 milhões de fluminenses se disseram católicos em 1991, cerca de meio milhão a menos do que em 1980. E isso apesar de o Rio de Janeiro como um todo ter apresentado crescimento populacional no período.

Devido à tradicional presença de minorias no Rio, notadamente espíritas e umbandistas, o grupo "outros" era o segundo mais numeroso em 1940, seguido pelos evangélicos. Já a partir de 1960, os evangélicos passaram as minorias, ficando em segundo lugar, logo depois dos católicos, até 1980. Em 1991, no entanto, os sem-religião passaram os evangélicos, tornando-se o segundo grupo mais numeroso.

A Tabela 8 apresenta a evolução dos grupos religiosos no Rio de Janeiro ao longo do período de 1940 a 1991 em termos relativos.

Graças ao crescimento de evangélicos e dos sem-religião, o Rio é hoje a Unidade da

Federação com a maior proporção de não-católicos em todo o País: 32,7% dos fluminenses, quase um terço do total, diziam-se não-católicos em 1991. Este processo, ainda incipiente até os anos 60, intensificou-se ao longo da década de 1970, quando o número relativo de não-católicos no Rio de Janeiro aumentou 5,2 pontos percentuais, crescimento que se ampliou na década seguinte para 13,6 pontos percentuais. A continuar neste ritmo, o censo do ano 2000 poderá registrar um fato histórico: será a primeira vez que um estado brasileiro terá uma maioria não-católica.

Os sem-religião, que eram apenas 2% em 1970, mais que dobraram sua participação no total do Rio, tendo chegado a quase 5% no censo seguinte; em 1991 a proporção dos sem-religião já tinha atingido quase 14% dos fluminenses. É um crescimento bastante expressivo.

Uma análise das taxas geométricas de crescimento anual (Tabela 9) mostra que os católicos fluminenses já começaram a sentir os efeitos do declínio, registrando no intervalo censitário de 1980-1991 uma taxa negativa de 0,6% ao ano. Note-se que o crescimento dos católicos sempre foi inferior à média da população do Rio de Janeiro como um todo. O diferencial, porém, vem se ampliando: 0,3 ponto percentual na década de 1960; 0,6 na década de 1970; e finalmente 1,6 ponto percentual na década de 1980.

Tabela 9 - Estado do Rio de Janeiro - Taxas geométricas de crescimento médio anual, por religião, 1940-1991 (% ao ano)

| Grupos religiosos | 40-50 | 50-60 | 60-70 | 70-80 | 80-91 |
|-------------------|-------|-------|-------|-------|--------|
| Total | 2,6 | 3,6 | 3,0 | 2,2 | 1,0 |
| Católica | 2,3 | 3,6 | 2,7 | 1,6 | (-)0,6 |
| Sem religião | 14,6 | 3,3 | 7,9 | 10,8 | 10,6 |
| Evangélica | 5,7 | 5,6 | 5,9 | 3,8 | 4,6 |
| Outras | 3,6 | 2,3 | 3,3 | 4,5 | 1,3 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Já os sem-religião cresceram a taxas muito altas nos últimos três intervalos censitários, chegando a mais de 10% ao ano nas décadas de 1970 e 1980. Os evangélicos também exibiram taxas médias de crescimento altas, superiores ao da Unidade da Federação como um todo. Com exceção da década de 1970, este crescimento ficou ao redor de 5% ao ano.

Análise por coortes

A Tabela 10 apresenta a composição por grupo etário e sexo da população católica do Rio de Janeiro nos três últimos censos. Entre 1970 e 1980 os católicos apresentaram crescimento em números absolutos em todas as faixas etárias. Este crescimento foi menor do que o da população como um todo, mas ocorreu em todas as faixas, e em ambos os sexos (com exceção do grupo masculino de 5 a 9 anos).

Mas, já na década seguinte, católicos apresentaram declínio em números absolutos em todas as faixas etárias até 29 anos de idade, em ambos os sexos. O aumento no número de católicos nas idades acima de 30 anos deve ser ponderado em função do crescimento absoluto destas faixas etárias nas últimas décadas. No cômputo geral, o grupo terminou a década de 1980 com um número menor de fiéis, tanto entre homens quanto entre mulheres: queda de 4,5 para 4,1 milhões entre homens e de 4,6 para 4,4 milhões de mulheres.

Quando analisada a participação relativa dos católicos por grupo de idade e sexo no conjunto da população do Rio (Tabela 11), a intensidade das mudanças torna-se mais evidente. Percebe-se que em 1970 havia diferenças discretas no comportamento entre os diversos grupos etários, sendo que a percentagem daqueles que se identificavam como católicos nunca era menor do que 80% em cada grupo. Decorridos dez anos, em 1980, os católicos no interior de cada coorte haviam sido reduzidos em cerca de 5%. Decorridos 11 anos, em 1991, cada coorte de católicos havia sofrido uma redução de cerca de 10%. Assim, enquanto na média 86% se diziam católicos em 1970, a proporção baixou 6 pontos percentuais, para 80%, em 1980, e mais 14 pontos, para 66%, em 1991.

Tabela 10 - Estado do Rio de Janeiro – Católicos, por grupos de idade e sexo, 1970-1991

| Grupo de idade | 1970 | | 1980 | | 1991 | |
|----------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 3 790 404 | 3 935 371 | 4 462 765 | 4 629 605 | 4 115 061 | 4 423 153 |
| 0 - 4 | 467 049 | 453 766 | 514 192 | 499 985 | 352 973 | 342 727 |
| 05- 09 | 485 033 | 473 531 | 469 560 | 457 914 | 400 285 | 389 713 |
| 10-14 | 449 842 | 448 394 | 463 113 | 454 610 | 425 814 | 421 061 |
| 15-19 | 399 255 | 433 766 | 486 591 | 495 733 | 381 912 | 391 625 |
| 20-24 | 353 512 | 373 767 | 471 119 | 482 874 | 386 162 | 383 753 |
| 25-29 | 278 454 | 293 831 | 404 463 | 427 785 | 365 411 | 399 477 |
| 30-34 | 285 040 | 273 533 | 331 030 | 344 793 | 349 555 | 380 860 |
| 35-39 | 244 521 | 255 944 | 263 847 | 276 482 | 316 161 | 348 899 |
| 40-44 | 224 984 | 227 067 | 248 023 | 254 257 | 268 852 | 289 716 |
| 45-49 | 172 348 | 175 391 | 210 709 | 220 342 | 204 015 | 224 460 |
| 50-54 | 137 221 | 143 675 | 188 470 | 200 783 | 180 974 | 193 892 |
| 55-59 | 106 328 | 117 573 | 140 156 | 152 453 | 153 481 | 176 541 |
| 60-64 | 82 036 | 91 156 | 101 463 | 118 442 | 132 620 | 161 826 |
| 65-69 | 56 593 | 68 368 | 74 968 | 94 489 | 93 470 | 118 696 |
| 70+ | 88 188 | 105 609 | 95 061 | 148 663 | 123 376 | 199 907 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Tabela 11- Estado do Rio de Janeiro - Católicos como percentagem da população, por grupos de idade e sexo, 1970-1991 (%)

| Grupo de idade | 1970 | | 1980 | | 1991 | |
|----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 86,2 | 86,0 | 80,9 | 80,4 | 65,6 | 66,7 |
| 0-4 | 87,3 | 87,2 | 81,4 | 81,3 | 60,2 | 60,6 |
| 5-9 | 86,5 | 86,5 | 80,9 | 81,0 | 64,7 | 64,9 |
| 10-14 | 86,7 | 86,2 | 81,3 | 80,9 | 66,7 | 67,2 |
| 15-19 | 87,3 | 87,0 | 81,4 | 81,1 | 66,3 | 66,9 |
| 20-24 | 87,6 | 87,2 | 81,9 | 82,0 | 65,2 | 65,9 |
| 25-29 | 87,4 | 87,0 | 82,1 | 81,9 | 65,4 | 66,6 |
| 30-34 | 86,6 | 86,3 | 81,6 | 80,6 | 66,9 | 67,2 |
| 35-39 | 86,1 | 85,7 | 80,9 | 79,3 | 68,9 | 68,1 |
| 40-44 | 85,1 | 84,6 | 80,4 | 78,8 | 69,4 | 67,7 |
| 45-49 | 84,5 | 84,1 | 79,8 | 78,2 | 69,4 | 66,9 |
| 50-54 | 83,7 | 83,6 | 79,5 | 78,0 | 69,5 | 67,2 |
| 55-59 | 82,5 | 83,1 | 78,8 | 77,6 | 70,7 | 68,7 |
| 60-64 | 81,9 | 82,8 | 78,1 | 77,6 | 70,5 | 69,2 |
| 65-69 | 81,7 | 83,2 | 77,5 | 78,2 | 69,9 | 69,7 |
| 70+ | 81,6 | 84,8 | 76,5 | 79,2 | 69,9 | 72,1 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Lembremos que são os adultos que respondem ao censo e informam a religião das crianças. O fato de não haver diferenças significativas, em 1970, entre as faixas em idade de reprodução, por um lado, e a faixa de 0 a 4 anos, por outro, parece indicar que a reprodução intergeracional de católicos era significativa: praticamente a totalidade das crianças nascidas de pais católicos era também declarada como católica, o mesmo acontecendo em 1980⁵.

Sintomático é que em 1991 a proporção de crianças declaradas como católicas na faixa 0 a 4 anos era significativamente menor do que nas faixas em idade reprodutiva, indicando uma provável diminuição na taxa de reprodução intergeracional⁶: enquanto que cerca de 66% das pessoas na faixa 20 a 24 anos se disseram católicas, informaram que apenas 60% das crianças de 0 a 4 anos eram católicas.

O desejo de que as crianças assumam a identidade religiosa dos pais (ou de um deles em caso de casamento misto) é um dos aspectos mais importantes da demografia de grupos religiosos minoritários (Schmelz, 1981). Paradoxalmente, os católicos nesse aspecto se comportam como minoria no Rio de Janeiro: a sua capacidade de crescer ganhando adeptos é nula, o que se evidencia pelo saldo atitudinal líquido negativo em todas as faixas etárias. O destino a longo prazo, portanto, parece depender apenas da transferência intergeracional.

Por isso passa a ser um indicador importante a maneira como católicos designam a religião das crianças nas primeiras faixas etárias. Para uma avaliação mais precisa, a Tabela 12 apresenta os resultados de um processamento especial de identidade religiosa para as crianças com menos de um ano de idade por ocasião da data do censo.

Os dados mostram que enquanto apenas 2,1% das crianças nascidas no ano anterior ao Censo de 1970 eram ditas como não tendo religião, esta percentagem cresceu para 5,5% no censo seguinte. Mas, já em 1991,

alcançava nada menos do que 25,5% de todas as crianças nascidas no Rio de Janeiro.

Em contrapartida, enquanto 87,7% das crianças nascidas no Rio no ano anterior ao Censo de 1970 eram consideradas católicas pelos informantes, esta proporção caiu para 81,7% no censo seguinte. Mas, em 1991, a proporção já tinha caído para 58,3%; em outras palavras, por ocasião do último censo, pouco mais da metade das crianças fluminenses eram designadas como católicas por seus pais, enquanto os sem religião já atingiam pouco mais de uma em cada quatro.

Tabela 12 - Estado do Rio de Janeiro: crianças menores de um ano de idade, por religião, na data dos censos (em %)

| Grupos religiosos | 1970 | 1980 | 1991 |
|-------------------|------------|------------|------------|
| Total | 100 | 100 | 100 |
| Sem religião | 2,1 | 5,5 | 25,5 |
| Católica | 87,7 | 81,7 | 58,3 |
| Evangélica | 7,4 | 7,8 | 11,2 |
| Outras | 2,8 | 5 | 5 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

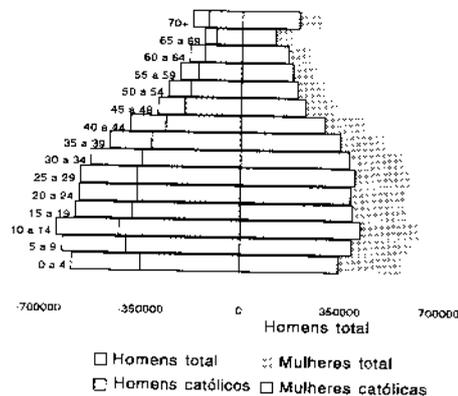
O declínio da penetração católica no Rio de Janeiro por faixa etária e sexo, por ocasião do Censo de 1991, pode ser mais bem visualizada através do Gráfico 1. É fácil perceber que a redução do efetivo católico é tão mais pronunciada quanto mais jovem o grupo etário.

Parece inegável, portanto, que há uma novidade no panorama religioso brasileiro, resultado de uma mudança que vem se intensificando. O fluxo atitudinal de católicos para outros grupos ganhou proporções de uma verdadeira mudança social, na medida em que está modificando a composição religiosa da sociedade brasileira. Tudo indica que os ventos secularizantes, soprando com intensidade cada vez maior, estão alterando significativamente e de forma definitiva o perfil religioso da população.

⁵Supondo-se que não há diferenciais de fecundidade e mortalidade entre os diversos grupos religiosos, o que a rigor não é verdadeiro (pelo menos em termos de fecundidade). Os diferenciais, no entanto, não poderiam explicar toda a mudança, não alterando portanto os termos principais do argumento.

⁶Incluídos os efeitos dos diferenciais de fecundidade no crescimento vegetativo.

Gráfico 1. Estado do Rio de Janeiro - Católicos e população total por grupos de idade e sexo, na data do Censo de 1991



Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

O processo tem um componente demográfico: à medida que as coortes se sucedem no tempo, menos adultos em idade de reprodução se declaram católicos, resultando em número cada vez menor de crianças recebendo influência religiosa desta natureza. A tendência é um número cada vez menor de católicos no interior de cada coorte, fazendo com que a percentagem de católicos no conjunto da população decline de forma cada vez mais acentuada.

O processo, uma combinação de fatores culturais e demográficos, é apenas um exemplo dos processos de mudança social que atingem sociedades em modernização e transição demográfica. A estrutura social tradicional, onde valores e normas são transmitidos verticalmente, de geração a geração, passa a ser afetada cada vez mais por processos culturais, que atuam em planos horizontais, agindo sobre as coortes de forma diferenciada (Ryder, 1965).

A ascensão dos evangélicos

Até 1970 as categorias utilizadas pelo IBGE no processamento da questão religiosa não discriminavam entre evangélicos tradicionais e pentecostais. Como reflexo do crescimento dos pentecostais, a partir de 1980 os censos passariam a usar categorias diferentes para os dois grupos. Uma análise em separado, portanto, até o momento, só pode ser feita com base nos levantamentos de 1980 e 1991.

Os dados da Tabela 13 mostram que os protestantes tradicionais do Rio de Janeiro foram capazes de apenas acompanhar a dinâmica da população fluminense como um todo no último intervalo censitário. Na verdade, apenas as mulheres se mantiveram a par com o crescimento da Unidade da Federação, crescendo 10%; já os homens cresceram apenas 1,9%, bem abaixo do conjunto da população masculina do Rio de Janeiro.

Tabela 13 - Estado do Rio de Janeiro - Evangélicos tradicionais por grupos de idade e sexo, 1980-1991

| Grupo de idade | 1980 | | 1991 | | Crescimento 1980-1991 | |
|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------------|---------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 240 193 | 316 594 | 244 835 | 348 138 | 1,90% | 10,00% |
| 0-4 | 29 091 | 28 906 | 22 913 | 22 811 | -21,20% | -21,10% |
| 5-9 | 31 667 | 31 383 | 28 759 | 29 612 | -9,20% | -5,60% |
| 10-14 | 31 024 | 33 548 | 28 941 | 32 427 | -6,70% | -3,30% |
| 15-19 | 25 690 | 32 281 | 22 092 | 29 291 | -14,00% | -9,30% |
| 20-24 | 18 765 | 26 882 | 21 452 | 30 237 | 14,30% | 12,50% |
| 25-29 | 15 829 | 24 060 | 22 279 | 31 271 | 40,70% | 30,00% |
| 30-34 | 13 489 | 22 137 | 18 235 | 27 996 | 35,20% | 26,50% |
| 35-39 | 12 134 | 19 932 | 14 612 | 25 233 | 20,40% | 26,60% |
| 40-44 | 12 458 | 19 538 | 12 358 | 23 676 | -0,80% | 21,20% |
| 45-49 | 10 885 | 17 197 | 10 417 | 19 807 | -4,30% | 15,20% |
| 50-54 | 10 425 | 16 283 | 10 115 | 17 029 | -3,00% | 4,60% |
| 55-59 | 8 605 | 13 240 | 8 436 | 15 061 | -2,00% | 13,80% |
| 60-64 | 7 039 | 10 252 | 8 292 | 14 971 | 17,80% | 46,00% |
| 65-69 | 5 164 | 8 109 | 6 281 | 10 589 | 21,60% | 30,60% |
| 70+ | 7 928 | 12 846 | 9 653 | 18 127 | 21,80% | 41,10% |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

No caso dos evangélicos tradicionais, os dados para os grupos etários abaixo dos 20 anos de idade devem ser analisados com cuidado especial. Algumas denominações protestantes rejeitam o batismo dos recém-nascidos e acreditam que só os adultos, conscientes do significado do ato, podem ser batizados (Schlesinger & Porto, 1995, p.1343). A consequência é que um declínio nas coortes mais jovens não reflete, necessariamente, dificuldades de reposição geracional.

A Tabela 14 apresenta a evolução dos evangélicos tradicionais no Rio de Janeiro, em termos de tamanhos relativos por grupo etário e sexo, ao longo da década de 1980. O grupo perdeu penetração, principalmente nas faixas etárias a partir dos 30 anos de idade, que como veremos a seguir, são as faixas onde são maiores os ganhos dos pentecostais. No total, os evangélicos tradicionais perderam, ainda que marginalmente, participação no conjunto da sociedade fluminense: enquanto 4,4% dos homens pertenciam às denominações protestantes tradicionais por ocasião do Censo de 1980, no Censo de 1991 apenas 4,0% se identificaram como tal; entre as mulheres a participação caiu de 5,5% para 5,3%.

**Tabela 14 - Estado do Rio de Janeiro -
Evangélicos tradicionais, como percentagem
da população, por idade e sexo**

| Grupo de idade | 1980 | | 1991 | |
|----------------|------------|------------|------------|------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 4,4 | 5,5 | 4,0 | 5,3 |
| 0-4 | 4,6 | 4,7 | 3,9 | 4,0 |
| 5-9 | 5,5 | 5,6 | 4,6 | 4,9 |
| 10-14 | 5,4 | 6,0 | 4,5 | 5,2 |
| 15-19 | 4,3 | 5,3 | 3,8 | 5,0 |
| 20-24 | 3,3 | 4,6 | 3,8 | 5,2 |
| 25-29 | 3,2 | 4,6 | 4,0 | 5,2 |
| 30-34 | 3,3 | 5,2 | 3,5 | 4,9 |
| 35-39 | 3,7 | 5,7 | 3,2 | 4,9 |
| 40-44 | 4,0 | 6,1 | 3,2 | 5,5 |
| 45-49 | 4,1 | 6,1 | 3,5 | 5,9 |
| 50-54 | 4,4 | 6,3 | 3,9 | 5,9 |
| 55-59 | 4,8 | 6,7 | 3,9 | 5,9 |
| 60-64 | 5,4 | 6,7 | 4,4 | 6,4 |
| 65-69 | 5,3 | 6,7 | 4,7 | 6,2 |
| 70+ | 6,4 | 6,8 | 5,5 | 6,5 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e estatística - IBGE.

Já entre evangélicos pentecostais houve enorme crescimento na década de 1980, como mostra a Tabela 15. Em números absolutos, os pentecostais cresceram 135% entre homens e 173% entre mulheres. O crescimento foi mais intenso na faixa dos 20 aos 45 anos, tanto para homens como para mulheres, chegando a 260% no grupo dos 25 aos 30 anos. Ainda assim as faixas etárias mais jovens também mostram crescimento significativo, bem acima das taxas para o conjunto da população.

O intenso crescimento dos pentecostais entre a população fluminense pode ser apreciado na Tabela 16, que apresenta dados sobre sua penetração por grupos etários e sexo no Rio de Janeiro.

Consequência de intenso fluxo atitudinal que tem roubado fiéis de outros grupos, os pentecostais já somavam em 1991 nada menos do que 6,3% dos homens do Rio de Janeiro e 8,6% das mulheres, tendo mais que dobrado sua penetração ao longo dos anos 80. Na faixa dos 50 aos 54 anos do sexo feminino, a proporção já alcança 10%.

É de se esperar, no entanto, que o crescimento dos pentecostais tenha se acelerado ainda mais nos anos 90, devido ao seu uso crescente dos meios de comunicação de massa. O uso destes meios pelos televangélicos da Igreja eletrônica coincide com um crescimento expressivo da cobertura da TV no País. O Censo de 1991 registrava que a televisão já havia chegado a 71% dos domicílios brasileiros (Hamburger, 1998, p. 453). A penetração da TV cresceu ainda mais ao longo da década de 1990, num dos efeitos mais notados da estabilização econômica promovida pelo Plano Real. Segundo a PNAD 1998, a TV já havia penetrado em 87,5% dos domicílios do País.

Secularização à brasileira: o crescimento dos sem-religião

Um dado que chama atenção na declaração de religião do Censo de 1991 é o crescimento dos sem religião. No Rio de Janeiro, onde o fenômeno é mais notável, mais de 1,7 milhão de pessoas se disseram sem

Tabela 15 - Estado do Rio de Janeiro - Evangélicos pentecostais, por grupos de idade e sexo, 1980-1991

| Grupo de idade | 1980 | | 1991 | | Crescimento 1980-1991 | |
|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------------|----------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 164 958 | 207 819 | 387 482 | 566 981 | 134,90% | 172,80% |
| 0-4 | 25 147 | 24 356 | 45 687 | 44 414 | 81,70% | 82,40% |
| 5-9 | 25 796 | 26 131 | 52 365 | 54 158 | 103,00% | 107,30% |
| 10-14 | 22 941 | 24 947 | 48 027 | 56 090 | 109,40% | 124,80% |
| 15-19 | 15 145 | 19 979 | 33 585 | 48 053 | 121,80% | 140,50% |
| 20-24 | 10 674 | 14 635 | 33 492 | 47 137 | 213,80% | 222,10% |
| 25-29 | 9 064 | 13 418 | 32 541 | 48 545 | 259,00% | 261,80% |
| 30-34 | 8 561 | 12 727 | 27 316 | 45 035 | 219,10% | 253,90% |
| 35-39 | 7 712 | 11 983 | 22 493 | 42 090 | 191,70% | 251,20% |
| 40-44 | 7 978 | 11 891 | 19 795 | 37 298 | 148,10% | 213,70% |
| 45-49 | 7 392 | 10 984 | 15 314 | 31 562 | 107,20% | 187,30% |
| 50-54 | 6 937 | 10 360 | 14 197 | 29 119 | 104,70% | 181,10% |
| 55-59 | 5 320 | 7 858 | 12 423 | 24 854 | 133,50% | 216,30% |
| 60-64 | 4 325 | 6 472 | 11 043 | 22 548 | 155,30% | 248,40% |
| 65-69 | 3 429 | 5 117 | 8 016 | 15 043 | 133,80% | 194,00% |
| 70+ | 4 537 | 6 961 | 11 188 | 21 035 | 146,60% | 202,20% |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Tabela 16 - Estado do Rio de Janeiro - Evangélicos pentecostais, como percentagem da população, por grupo de idade e sexo, 1980-1991

| Grupo de idade | 1980 | | 1991 | |
|----------------|------------|------------|------------|------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 3,0 | 3,6 | 6,3 | 8,6 |
| 0-4 | 4,0 | 4,0 | 7,8 | 7,9 |
| 5-9 | 4,4 | 4,6 | 8,5 | 9,0 |
| 10-14 | 4,0 | 4,4 | 7,5 | 9,0 |
| 15-19 | 2,5 | 3,3 | 5,8 | 8,2 |
| 20-24 | 1,9 | 2,5 | 6,0 | 8,1 |
| 25-29 | 1,8 | 2,6 | 5,8 | 8,1 |
| 30-34 | 2,1 | 3,0 | 5,2 | 7,9 |
| 35-39 | 2,4 | 3,4 | 4,9 | 8,2 |
| 40-44 | 2,6 | 3,7 | 5,1 | 8,7 |
| 45-49 | 2,8 | 3,9 | 5,2 | 9,4 |
| 50-54 | 2,9 | 4,0 | 5,5 | 10,1 |
| 55-59 | 3,0 | 4,0 | 5,7 | 9,7 |
| 60-64 | 3,3 | 4,2 | 5,9 | 9,6 |
| 65-69 | 3,5 | 4,2 | 6,0 | 8,8 |
| 70+ | 3,7 | 3,7 | 6,3 | 7,6 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

religião em 1991, contra menos de 200 mil em 1940, como mostra a Tabela 17. O fenômeno é sempre mais intenso entre homens, indicando que o processo de secularização atinge com mais força a parcela masculina da população.

O termo secularização vem sendo usado de forma ambígua, sendo conveniente, portanto, ressaltar que usamos a expressão aqui em seu sentido estritamente sociológico. Secularização aqui é entendido como o processo de mudança social relacionado ao declínio da influência da religião e do pensamento religioso na vida pública das sociedades modernas e/ou em modernização. Este processo se realiza de diversas formas e em diversos setores da vida social. Nas sociedades modernas a religião tem sido substituída cada vez mais pela ciência, como principal ferramenta de compreensão da natureza, e pelo sistema jurídico como forma de controle social. As relações sociais, por sua vez, são baseadas em considerações cada vez mais racionais, e o materialismo passa a competir com força cada vez maior com a espiritualidade como ideal social (Wilson, 1985).

Até que ponto o crescimento dos sem-religião é uma expressão da secularização no

Brasil é uma questão metodológica que não cabe aqui. O fato é que a sociedade brasileira passa por uma fase aguda de seu processo de secularização, fato este que pode ser comprovado através de diversos aspectos da sua vida pública e privada. Independente da discussão metodológica, o crescimento expressivo do número de pessoas que se dizem sem-religião, quando entrevistadas pelas pesquisas censitárias, parece ser um indicador seguro da perda relativa da importância do fenômeno religioso entre nós, sobretudo no Rio de Janeiro.

Como mostra a Tabela 17, tanto os homens como as mulheres sem religião cresceram a taxas muito altas no período de 1970-1991: respectivamente 773% e 941%.

Antes de analisarmos a distribuição do fenômeno em termos de grupo etário e sexo, porém, vale ressaltar que é preciso ter cautela sobre como interpretar os dados relativos às idades de 0 a 19 anos. São os adultos que informam a religião das crianças. Esta informação, portanto, não pode ser tomada como definitiva, já que a opção religiosa pode ser alterada ao longo da vida adulta dos indivíduos.

Tabela 17- Estado do Rio de Janeiro: Pessoas sem religião, por grupos de idade e sexo, 1970-1991

| Grupo de idade | 1970 | | 1980 | | 1991 | | Cresc 1970-1991 | |
|----------------|----------------|---------------|----------------|----------------|------------------|----------------|-----------------|----------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 117 449 | 70 496 | 337 867 | 213 274 | 1 025 357 | 734 000 | 773,00% | 941,20% |
| 0-4 | 9 867 | 9 828 | 31 536 | 30 392 | 132 460 | 124 452 | 1242,50% | 1166,30% |
| 5-9 | 8 652 | 7 842 | 23 759 | 21 046 | 101 902 | 91 077 | 1077,80% | 1061,40% |
| 10-14 | 8 601 | 7 147 | 25 107 | 20 767 | 97 239 | 77 569 | 1030,60% | 985,30% |
| 15-19 | 12 435 | 8 876 | 40 670 | 28 656 | 106 110 | 77 702 | 753,30% | 775,40% |
| 20-24 | 14 612 | 8 755 | 46 240 | 28 488 | 106 395 | 76 679 | 628,10% | 775,80% |
| 25-29 | 12 116 | 6 563 | 38 336 | 22 551 | 101 996 | 70 569 | 741,80% | 975,30% |
| 30-34 | 10 833 | 5 096 | 29 647 | 16 394 | 91 335 | 58 556 | 743,10% | 1049,10% |
| 35-39 | 9 199 | 4 107 | 22 851 | 11 359 | 73 072 | 45 141 | 694,30% | 999,10% |
| 40-44 | 8 626 | 3 561 | 20 201 | 8 997 | 58 587 | 33 080 | 579,20% | 829,00% |
| 45-49 | 6 577 | 2 505 | 16 693 | 6 534 | 42 971 | 21 523 | 553,40% | 759,20% |
| 50-54 | 4 957 | 1 858 | 13 717 | 5 271 | 34 771 | 16 846 | 601,50% | 806,70% |
| 55-59 | 3 977 | 1 381 | 10 344 | 3 789 | 25 988 | 12 678 | 553,50% | 818,00% |
| 60-64 | 2 936 | 1 183 | 7 014 | 2 925 | 20 966 | 10 220 | 614,10% | 763,90% |
| 65-69 | 1 952 | 787 | 5 179 | 2 242 | 14 290 | 7 230 | 632,10% | 818,70% |
| 70+ | 2 109 | 1 007 | 6 072 | 3 610 | 17 275 | 10 678 | 719,10% | 960,40% |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Num contexto como o do Rio de Janeiro, onde cresce o pluralismo religioso, e tendem a se tornar mais freqüentes os casamentos mistos, os filhos normalmente são expostos à influência religiosa dos pais, a partir da qual criam sua própria identidade. A informação de que o filho "não tem religião" pode significar apenas, portanto, que ele ainda não definiu sua própria identidade religiosa. O enorme crescimento dos sem religião nas idades jovens (mais de 1 000%) não pode ser tomado, portanto, como indicador literal de secularização.

No caso dos adultos, porém, o crescimento significativo daqueles que se dizem sem religião parece ser indicador de mudanças importantes no campo religioso como um todo.

Em termos relativos, como se vê na Tabela 18, os sem religião eram uma fração

marginal do universo religioso do Rio de Janeiro em 1970 (2,7% entre homens e 1,5% entre mulheres). Chegaram a 1980 com o dobro destas taxas: 6,1% e 3,7%. Mas foi ao longo dos anos 80 que o fenômeno se fez sentir de forma mais intensa: em 1991 as taxas de penetração dos sem-religião no Rio praticamente triplicaram, com 16,6% de todos os homens e 11,1% de todas as mulheres se dizendo sem nenhuma opção religiosa institucionalizada.

Colocados na perspectiva de seu crescimento relativo, e mesmo tendo em mente que as taxas de penetração entre os jovens não podem ser ainda tomadas como definitivas, os números mostram que a proporção dos sem-religião é inversamente proporcional às idades, sendo tanto maior quanto menor a idade: enquanto na faixa dos

Tabela 18 - Estado do Rio de Janeiro - Pessoas sem religião em percentagem da população por grupos de idade e sexo, 1970-1991

| Grupo de idade | 1970 | | 1980 | | 1991 | |
|----------------|--------|----------|--------|----------|--------|----------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| Total | 2,7 | 1,5 | 6,1 | 3,7 | 16,6 | 11,1 |
| 0-4 | 1,8 | 1,9 | 5,0 | 4,9 | 22,6 | 22,0 |
| 5-9 | 1,5 | 1,4 | 4,1 | 3,7 | 16,5 | 15,2 |
| 10-14 | 1,7 | 1,4 | 4,4 | 3,7 | 15,2 | 12,4 |
| 15-19 | 2,7 | 1,8 | 6,8 | 4,7 | 18,4 | 13,3 |
| 20-24 | 3,6 | 2,0 | 8,0 | 4,8 | 19,0 | 13,2 |
| 25-29 | 3,8 | 1,9 | 7,8 | 4,3 | 18,2 | 11,8 |
| 30-34 | 3,5 | 1,6 | 7,3 | 3,8 | 17,5 | 10,3 |
| 35-39 | 3,2 | 1,4 | 7,0 | 3,3 | 15,9 | 8,8 |
| 40-44 | 3,3 | 1,3 | 6,5 | 2,8 | 15,1 | 7,7 |
| 45-49 | 3,2 | 1,2 | 6,3 | 2,3 | 14,6 | 6,4 |
| 50-54 | 3,0 | 1,1 | 5,8 | 2,0 | 13,4 | 5,8 |
| 55-59 | 3,1 | 1,0 | 5,8 | 1,9 | 12,0 | 4,9 |
| 60-64 | 2,9 | 1,1 | 5,4 | 1,9 | 11,1 | 4,4 |
| 65-69 | 2,8 | 1,0 | 5,4 | 1,9 | 10,7 | 4,2 |
| 70+ | 2,5 | 0,8 | 4,9 | 1,9 | 9,8 | 3,9 |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

20 aos 24 anos 19% dos homens e 13,2% das mulheres se declararam sem religião em 1991, este percentual vai declinando até cair para 9,8% e 3,9% no topo da pirâmide etária.

Uma parte do fenômeno do crescimento dos sem-religião pode ser devida às próprias mudanças no campo religioso em geral. Na medida em que aumenta a diversidade dos grupos, seitas e denominações religiosas, ou seja, na medida em que ocorre uma ampliação e diversificação do que se convencionou chamar de "mercado de bens de salvação" no País (Montes, 1998, p. 69), há também uma maior probabilidade de se verificar o que dois estudiosos chamaram de crescente "experimentação" no campo religioso (Condran & Tamney, 1980).

Em qualquer caso todos estes fenômenos apontam para uma mesma transformação no próprio sentido do fenômeno religioso como um todo, e sua transição histórica de norma social rígida e coercitiva para uma opção de comportamento individual.

Conclusão

Tentamos delinear algumas tendências contemporâneas no espectro religioso brasileiro: declínio do catolicismo tradicional, crescimento dos evangélicos, multiplicação das minorias, secularização e ascensão de um pluralismo religioso, diverso e multifacetado.

O declínio numérico dos católicos acontece num momento em que a Igreja Católica enfrenta uma grave crise estrutural, não só no Brasil, mas no mundo todo⁷, que se reflete em diversos aspectos institucionais.

Um destes aspectos, sem dúvida, é a crescente e notável urbanização da sociedade brasileira. A Igreja católica como um todo - e a brasileira especialmente - tem fortes raízes no universo rural, com um entrelaçamento institucional profundo em todas as dimensões da vida social. Camargo apontava para esta identidade, cujas origens se perdem no tempo:

[O]s valores, normas e papéis da sociedade [camponesa] são

entendidos, explicitados e sancionados de modo acentuadamente sacral[.] esta constelação axiológica e cognitiva é constituída pelo repositório do catolicismo tradicional. Dessa forma, as normas de conduta e os valores a que elas se referem são vistos, ao mesmo tempo, como padrões normais de comportamento da sociedade e como sancionados pela autoridade da tradição religiosa. Na realidade, os papéis da vida profana são também confirmados pelas normas e valores da religião. Constituiu-se o que se convencionou chamar de 'cristandade', caracterizada pela profunda institucionalização do catolicismo (Camargo, 1970, p. 12).

No momento em que avança a urbanização da sociedade brasileira, apontando para uma urbanização quase universal, é natural que, pelo menos em termos relativos, o catolicismo tradicional tenha sua área de influência reduzida.

Camargo já notava, em 1970, uma descontinuidade provocada pelo crescimento das cidades sobre o catolicismo tradicional, apontando para o caráter eminentemente secularizador da urbanização:

Comparando o catolicismo tradicional rural e o urbano no Brasil, um contraste toma-se logo patente: o catolicismo urbano, diversamente do rural, não orienta efetivamente a conduta das pessoas, nem constitui o centro das determinantes valorativas da sociedade.

No mundo urbano, a religião tradicional católica é relegada a uma esfera da realidade ritualística e superficial que a desvincula dos valores e conhecimentos que no passado serviram para orientar a vida e pautar o comportamento. As decisões fundamentais da existência, no meio urbano, são orientadas por valores profanos característicos de uma sociedade competitiva e de uma ética leiga.

⁷Para uma análise da crise da Igreja Católica em âmbito mundial, ver Wensierski, 1999.

[...] O catolicismo rural dificilmente se mantém nas cidades, através de um ritualismo mecânico. Falta-lhe todo o contexto social a que está íntima e profundamente ligado e que lhe serve de apoio. Dessa forma, seus valores, conhecimentos e papéis tornam-se sem sentido: os valores mostram-se diversos dos existentes na sociedade inclusiva; os conhecimentos são díspares dos predominantes e inúteis fora do contexto rural; os papéis, finalmente, não encontram os padrões de inter-relação que

lhes correspondem. O catolicismo rural, na cidade, torna-se fatalmente disfuncional (Camargo, 1970, p.18).

Até que ponto o Rio de Janeiro é um caso especial, em que outros fatores, inclusive políticos, poderiam estar atuando, é uma discussão importante, mas que não cabe aqui. Embora no Rio o fenômeno seja mais intenso, esta Unidade da Federação não é um caso isolado, já que os sem-religião têm crescido em todos os quadrantes do Território Nacional. É provável que a secularização tenha se intensificado ao longo dos anos 90. Saberemos, com certeza, quando os dados do Censo 2000 forem publicados.

Bibliografia

- Berger, Peter L. 1985. O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Edições Paulinas.
- Camargo, Cândido Procópio Ferreira de. 1971. Igreja e desenvolvimento. São Paulo: Cebrap.
- _____. (org.). 1973. Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1984. A Categoria "Religião" em Censos Brasileiros. In Censos, consensos, contrasensos, 215-22. São Paulo: Abep.
- Condran, John G. & Joseph B. Tamney. 1985. Religious "Nones": 1957 to 1982. Sociological Analysis 46 (4): 415-23.
- _____. 1980. The Decline of Religious Homogeneity: The Indonesian Situation. Journal for the Scientific Study of Religion 19 (3): 267-80.
- Fernandes, Rubem César. 1992. Os vários sistemas religiosos em face do impacto da modernidade. In O impacto da modernidade sobre a religião, ed. Maria Clara L. Bingemer, 253-72. São Paulo: Edições Loyola.
- FIBGE. Censos demográficos, vários anos. Rio de Janeiro: FIBGE.
- Fonseca, Alexandre Brasil. 1998. Nova Era Evangélica, confissão positiva, e o crescimento dos sem religião. Trabalho apresentado na VIII Jornada Sobre as Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22-25 de setembro.
- Glenn, Norval D. 1987. The Trend in 'No Religion' Respondents to U. S. National Surveys, Late 1950s to early 1980s. Public Opinion Quarterly 51 (Fall), 293-314.
- Hamburger, Esther. 1998. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In História da Vida Privada no Brasil, 4, org. Lília Moritz Schwarcz, 439-88. São Paulo: Companhia das Letras.
- Höllinger, Franz. 1998. O futuro das religiões cristãs na Europa e nos Estados Unidos. Trabalho apresentado na VIII Jornada Sobre as Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22-25 de setembro.
- Martelli, Stefano. 1995. A religião na sociedade pós-moderna. São Paulo: Paulinas.
- Montes, Maria Lucia. 1998. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In História da Vida Privada, 4, org. Lília Moritz Schwarcz, 64-171. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pace, Enzo. 1997. Religião e globalização. In Globalização e Religião, ed. Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil, 25-42. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1998. O futuro das religiões na Europa. Trabalho apresentado na VIII Jornada Sobre as Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22-25 de setembro.

- Pereira de Queiróz, Maria I. 1989. Afro-Brazilian Cults and Religious Change in Brazil. In *The Changing Face of Religion*, ed. James A. Beckford & Thomas Luckman. London: Newbury Park, California: Sage.
- Pierucci, Antônio Flávio. 1998. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 37 (13): 43-73.
- _____. & Reginaldo Prandi. 1996. A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec.
- _____. 1987. Religião e ruptura na obra de Procopio Camargo. *Novos Estudos Cebrap* 17 (Maio): 29-35.
- Prandi, Reginaldo & André Ricardo de Souza. 1996. A carismática despolitização da igreja católica. In *A realidade social das religiões no Brasil*, ed. Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi, 59-91. São Paulo: Hucitec.
- Ryder, Norman B. 1965. The Cohort as a Concept in the Study of Social Change. *American Sociological Review* 30 (Oct): 843-861.
- Sanchis, Pierre. 1997. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In *Globalização e Religião*, ed. Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil, 103-16. Petrópolis: Vozes.
- Schlesinger, Hugo & Humberto Porto. 1995. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis: Vozes.
- Schmelz; U. O. 1981. Jewish Survival: The Demographic Factors. In *American Jewish Year Book Vol 81*, 61-117. Nova York: The American Jewish Committee.
- Wensierski, Peter. 1999. Igreja Católica reúne forças para entrar no século 21. *OESP*, 3/1/99, p. D1.
- Wilson, Bryan. 1985. Secularization: The Inherited Model. In *The Sacred in a Secular Age: Toward Revision in the Scientific Study of Religion*, ed. Phillip E. Hammond, 9-20. Berkeley: University of California Press.